

O PESO DA VIOLÊNCIA SEXUAL: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO SOBRE VIOLÊNCIA SEXUAL E OBESIDADE NO CONTEXTO BRASILEIRO

Daielen Trevisol dos Santos¹

Luciana Patrícia Zucco²

Darlana Trevisol dos Santos³

Resumo: Este artigo analisa a produção de conhecimento sobre a relação entre obesidade e violência sexual a partir de um levantamento bibliográfico realizado nas plataformas SciELO, Lilacs, Medline, BVS e Biblioteca Nacional. A pesquisa é de natureza bibliográfica e de abordagem qualitativa. A técnica utilizada para a organização e a interpretação dos dados foi a análise de conteúdo na modalidade temática. A partir dos resultados, concluiu-se que a produção de conhecimento sobre a temática expressa uma discussão incipiente e pouco explorada, ainda que a violência sexual figure, residualmente, como uma dimensão social para o desenvolvimento da obesidade.

Palavras-chave: Obesidade; Violência sexual; Produção de conhecimento.

Abstract: This bibliographic and qualitative research analyzes the knowledge production on the relationship between obesity and sexual violence based on a bibliographic survey carried out in the SciELO, Lilacs, Medline, VHL and National Library databases. Data analysis and interpretation were performed using thematic content analysis. Results show that knowledge production on the topic is an incipient and a little explored discussion, despite sexual violence appearing, residually, as a social dimension for development of obesity.

Keywords: Obesity; Sexual violence; Knowledge production.



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

1 Especialista com titulação em Residência Integrada Multiprofissional em Saúde, ênfase em Alta Complexidade, no Hospital Universitário Professor Polydoro Ernani de São Thiago, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. E-mail: dai.trevisol@gmail.com. Orcid: 0000-0002-7976-2846

2 Doutora em Ciências da Saúde pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e da Mulher do Instituto Fernandes Figueira da Fundação Oswaldo Cruz, Brasil. E-mail: lpzucco@uol.com.br. Orcid: 0000-0003-2955-1642

3 Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. E-mail: darlana.trevisol@gmail.com. Orcid: 0000-0001-7667-8801

1 Introdução

Esta pesquisa tem como tema a relação entre obesidade e violência sexual. O interesse em abordar a temática resulta da experiência como assistente social residente do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde, na ênfase da Alta Complexidade, especificamente no ambulatório de Cirurgia Bariátrica do Hospital Universitário Polydoro Ernani de São Thiago (HU/UFSC). O objetivo principal dos atendimentos das diferentes áreas de conhecimento no processo de cirurgia bariátrica é proporcionar uma abordagem multidimensional que garanta o sucesso do tratamento. Ocorre que os atendimentos se voltam para a garantia do sucesso do procedimento cirúrgico e a efetivação de novos hábitos para evitar a recidiva da obesidade. Contudo, é necessário compreender possíveis fatores que desencadeiam a obesidade para estabelecer estratégias para o cuidado de diferentes sofrimentos implicados na relação com o ganho excessivo de peso. Nesse sentido, o Serviço Social preocupa-se com os aspectos da garantia do acesso ao serviço e as implicações da proteção social para sua efetivação, assim como busca identificar esses elementos desencadeadores da obesidade, que são abordados no contexto do atendimento em equipe multiprofissional.

A partir da imersão no Ambulatório de Cirurgia Bariátrica e na Unidade de Internação Cirúrgica I emergiram inquietações relacionadas às experiências de violências vividas e relatadas por pessoas obesas em atendimentos. Entre as diversas expressões das violências narradas por mulheres, um atendimento em especial mobilizou a atuação do Serviço Social e gerou discussões e indagações. A usuária atendida relatou que sofreu violência sexual, afirmando enfaticamente que as consequências da violência resultaram na sua obesidade. A partir de então, a necessidade de compreender a relação entre violência sexual e obesidade se impôs como um desafio investigativo. Um dos questionamentos remete à produção de conhecimento sobre a temática, uma vez que a literatura específica aproxima os/as profissionais do debate por um olhar técnico e por elementos para se pensar e rever demandas e serviços.

A obesidade é um fenômeno contemporâneo que se desenvolve em proporções epidêmicas em vários países e, particularmente, no Brasil. Segundo Felipe e Santos (2004), a realidade brasileira é contraditória, pois apresenta simultaneamente intensa miséria e fome em várias regiões, assim como expressivo crescimento da obesidade, ocasionando adoecimento da população (FELIPPE; SANTOS, 2004). A obesidade é,

portanto, uma doença definida pelo acúmulo excessivo de gordura corporal em um nível que interfere na saúde das pessoas. Suas “causas” possuem um caráter complexo e multifatorial, envolvendo “uma gama de fatores, incluindo os históricos, ecológicos, políticos, socioeconômicos, psicossociais, biológicos e culturais” (WANDERLEY; FERREIRA, 2010, p. 186).

Gelslechter e Zucco (2017) apontam que, conforme a abrangência da obesidade é projetada no cenário mundial, mecanismos de ação se concretizam no campo da saúde para enfrentá-la. Nessa chave interpretativa, para o Sistema Único de Saúde (SUS), a obesidade requer uma linha de cuidados prioritária da Rede de Atenção à Saúde das pessoas com Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT), instituindo, assim, estratégias de prevenção e tratamento, com atribuições específicas a cada complexidade.

A Pesquisa Nacional sobre Saúde e Nutrição (PNSN) apresenta a prevalência de mulheres obesas, representando cerca de 70% do total da população obesa do Brasil. “Pode-se assim concluir que as mulheres brasileiras apresentam mais problemas de peso excessivo que os homens e que quanto maior for o grau de excesso de peso maior será o diferencial por sexo” (BRASIL, 1989, p. 22). Em 2017, o relatório Panorama da Segurança Alimentar e Nutricional na América Latina e Caribe apresentou dados sobre o excesso de peso em pessoas adultas, demonstrando que a obesidade foi diagnosticada em 24% das mulheres e 17,1% nos homens (FAO; OPS, 2017). Tais características estão presentes no ambulatório de cirurgia bariátrica do HU/UFSC, sendo as mulheres as principais usuárias do serviço. Nesse sentido, os estudos feministas, especificamente em relação à leitura de gênero, permitem compreender a construção social do feminino, suas atribuições e seus poderes instituídos com tal produção (SCOTT, 1995), bem como a possível relação entre obesidade e violência sexual. O crescente número de mulheres com excesso de peso sugere que as desigualdades e atribuições de gênero podem contribuir para a “identidade da obesidade” (GELSLEICHTER; ZUCCO, 2017, p. 113).

Freire e Andrada (2012) afirmam que a proliferação dos transtornos alimentares⁴, fator inerente à contemporaneidade, indica um processo de subjetivação que deixa suas marcas nos corpos e pode ser entendido como

4 Para Souza e Pessa (2016), os transtornos alimentares são definidos como psicopatologias que englobam tanto sintomas físicos como psíquicos e possui caráter multifatorial. Envolve comportamentos alimentares desorganizados, desequilibrados, além da distorção da imagem corporal, podendo desencadear a anorexia nervosa (AN), a bulimia nervosa (BN) e o transtorno alimentar sem outra especificação (TASOE). Ainda que a obesidade seja reconhecida como condição para o diagnóstico de um transtorno alimentar, é classificada na categoria de transtorno alimentar sem outra especificação (NASCIMENTO, 2007).

decorrente de violências subjetivas, as quais os/as sujeitos/as não encontram meios simbólicos de superar, materializando-as em corpos anoréxicos, bulímicos ou obesos. Para Villela e Lago (2007), tais corpos podem ser expressões da violência sexual, ampliando a interpretação do fenômeno.

Segundo as autoras, a violência sexual pode desencadear diversos agravos à saúde das mulheres, alguns imediatamente após o acontecimento, outros a médio e longo prazo. As manifestações da violência sexual são diversas e compreendem aspectos físicos, como cefaleia crônica, alterações gastrointestinais e dor pélvica, bem como aspectos psicológicos e comportamentais, como disfunção sexual, depressão, ansiedade, obesidade e o uso abusivo de drogas.

A violência sexual contra a mulher, independentemente do período geracional, é um fenômeno social permanente e poliforme. Entre as expressões de violência de gênero, a violência sexual é compreendida como a de maior gravidade por apresentar uma série de desafios à intervenção pública (SQUINCA; DINIZ; BRAGA, 2006). Porém, conforme ilustram os dados da Norma Técnica de Prevenção e Tratamento dos Agravos Resultantes da Violência Sexual Contra Mulheres e Adolescentes (BRASIL, 2012), do Ministério da Saúde, menos de 10% dos casos de violência sexual possuem registros nas delegacias. Em certo sentido, o universo da violência sexual permanece no campo do desconhecido e “inatingível” pelas políticas públicas de proteção aos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres. Diversos são os desafios políticos impostos no Brasil ao discutir a violência sexual, com destaque para o tabu e o silêncio moral. “A violência sexual é uma das expressões mais perversas da desigualdade de gênero e seu caráter universal não significa sua banalização como um fato social” (DINIZ, 2007, p. 477).

Do exposto, o presente estudo analisou a produção de conhecimento sobre a relação entre obesidade e violência sexual em mulheres, no contexto brasileiro, considerando os seguintes questionamentos: como se expressa a produção de conhecimento sobre a temática? Quais as compreensões, os debates, as explicações realizadas e os sujeitos que discutem o tema? Tal sistematização potencializa o objeto como tema de debate aos assistentes sociais⁵ e demais profissionais que atuam na área da saúde. Parte-se da premissa de que a violência sexual é uma das dimensões sociais da obesidade, sendo essa associação pouco explorada pelo campo da saúde, particularmente pela literatura brasileira que trata da obesidade como uma doença. Ademais, obesidade

⁵ Cabe destacar que o/a profissional de Serviço Social é parte integrante da equipe multiprofissional do Serviço de Cirurgia Bariátrica do HU/UFSC.

e violência sexual são fenômenos presentes nos espaços profissionais, necessitando de projeção como objeto de atuação e de pesquisa.

2 Procedimentos metodológicos

Este estudo apresenta uma pesquisa bibliográfica e de abordagem qualitativa, uma vez que procura explicitar uma possível relação entre obesidade e violência sexual na produção de conhecimento para dar visibilidade aos sentidos que atravessam o fenômeno, sem, contudo, reduzi-lo à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2012). Os dados são construídos a partir da análise de conteúdo, em sua modalidade temática. Segundo Bardin (2011), esta técnica consiste na identificação dos núcleos de sentido presentes nos temas, oriundos do processo de organização do material que compõe o *corpus* da análise.

O processo de pesquisa foi realizado no decorrer de 2018 e teve como fonte de coleta de dados artigos indexados nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (Medline), *Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde* (Lilacs), *Biblioteca Nacional* e *Biblioteca Virtual da Saúde* (BVS). Para tanto, foram utilizadas as seguintes palavras-chave: obesidade *and* violência *and* sexual; obesidade *and* abuso sexual; obesidade *and* violência *and* mulher; obesidade *and* violência *and* mulheres; obesidade *and* violência *and* gênero. O operador booleano AND foi utilizado com a finalidade de ampliar os resultados da busca.

Para orientar a composição do *corpus*, os seguintes critérios de inclusão foram definidos: (1) artigos sobre a realidade brasileira; (2) artigos que apresentaram discussão sobre obesidade e violência sexual. Inicialmente, foram realizadas buscas na base de dados da Biblioteca Nacional, que não apresentou resultados. Na base Medline, foram localizados 460 artigos, mas, após leitura de títulos e resumos, deparou-se com apenas um que versava sobre a realidade brasileira, mas não apresentava discussão sobre obesidade e violência sexual, excluído, portanto, do *corpus*; nas bases Lilacs, SciELO e BVS foram identificados, respectivamente, 14, 11, e 22 artigos, totalizando 47 referências. Destes, nove não versavam sobre a realidade brasileira e 30 artigos se repetiram, sendo excluídos. Posteriormente, com a finalidade de ampliar o *corpus*, foram incluídas as palavras-chave: obesidade *and* violência, com 41 referências localizadas, sendo 16 artigos repetidos e um que não discutia a realidade brasileira. No total, o levantamento compreendeu 548

referências; após a leitura dos resumos e consequente exclusão dos textos que não se enquadravam no primeiro critério de inclusão e dos repetidos, restaram 23, dos quais, cinco não figuravam como artigos acadêmicos; 12 não discutiam sobre a temática da obesidade e da violência sexual e dois não foram localizados online; tentou-se contato com as autoras via telefone e/ou e-mail, sem sucesso. Desse modo, permaneceram para análise quatro artigos.

Tabela 1: Artigos selecionados para análise

Texto	Título do Artigo	Autoria	Palavras-chave	Periódico	Ano*
01	Corpo, violência, vulnerabilidade e educação libertadora no filme “Preciosa: uma história de esperança”	Godoi; Neves	obesidade <i>and</i> violência <i>and</i> sexual; obesidade <i>and</i> abuso sexual; obesidade <i>and</i> violência	Interface – Comunicação, Saúde, Educação	2012
02	Investigação dos padrões relacionais do vínculo mãe-filha envolvidos na obesidade feminina	Teodoro; Koga; Nakasu	obesidade <i>and</i> abuso sexual	Revista de Medicina	2017
03	Indicação de terapia familiar psicanalítica para uma família com uma criança obesa⁶	Berque; Robert	obesidade <i>and</i> violência	Periódicos Eletrônicos em Psicologia	2016
04	Violência familiar: obesidade mórbida e função ômega	Almeida-Prado; Féres-Carneiro	obesidade <i>and</i> violência	Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental	2010

Fonte: Elaboração própria (2018).

* Refere-se ao ano de publicação no periódico.

3 Caracterização dos periódicos

Este item apresenta as características e o contexto da produção dos dados a partir de informações: (1) dos periódicos, destacando as particularidades e a área de conhecimento das revistas e seus Qualis⁷; (2) dos

6 Os autores do artigo são franceses, porém, o texto foi selecionado levando em consideração o fato de que em seu *corpus* não foi mencionada a origem demográfica da pesquisa.

7 O Qualis-Periódicos é um sistema usado para classificar a produção científica dos programas de pós-graduação no que se refere aos artigos publicados em periódicos científicos. O Qualis afere a qualidade dos artigos e de outros tipos de produção a partir da análise da qualidade dos veículos de divulgação. A classificação de periódicos é realizada pelas áreas de avaliação e passa por processo anual de atualização. Esses veículos são enquadrados em estratos indicativos da qualidade – A1, o mais elevado; A2; B1; B2; B3; B4; B5; C – com peso zero. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/index.jsf>.

autores, suas áreas de formação e o lugar profissional que ocupam; (3) dos artigos, ano das publicações, abordagens metodológicas e resultados dos estudos publicados.

Os quatro artigos selecionados foram publicados em revistas distintas, a saber: (1) *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, editada pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). De natureza interdisciplinar, é um periódico que se empenha em publicar conteúdos sobre educação e comunicação nas práticas de saúde, formação profissional na saúde, bem como estudos sobre saúde coletiva e sua relação com a filosofia, as artes e as ciências humanas e sociais; (2) *Revista de Medicina*, editada pela Universidade de São Paulo (USP). Publica artigos sobre temas importantes para a formação médico-acadêmica, preferencialmente com enfoque fisiopatológico; (3) *Vínculo* é uma publicação semestral do Núcleo de Estudos em Saúde Mental e Psicanálise das Configurações Vinculares (NESME), com foco em produções sobre saúde mental, família, grupos, casais e instituições, em especial, a partir da vertente psicanalítica; (4) *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* (AUPPF), desenvolvida pela Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental, uma associação científica sem fins lucrativos que reúne professores doutores de universidades de todo o mundo. As publicações da revista estão centradas na área da psicopatologia.

Em sua maioria, os periódicos estão situados na região Sudeste do país, especialmente no estado de São Paulo, vinculados a instituições de ensino de natureza pública. Tais características projetam, por excelência, os espaços de produção do conhecimento, que definem diretrizes e orientações aos processos de formação profissional, pautam o debate dos profissionais e contribuem na elaboração, no planejamento e na avaliação de políticas públicas.

Com relação à qualificação dos periódicos, foi utilizada a avaliação realizada pela Capes. Para tanto, teve-se como referência os enunciados das Revistas e a quais estudos se dedicam, sendo adotada como área aquela que correspondesse a sua principal área de concentração. Nesse sentido, a revista *Interface* é classificada como A1 na categoria Interdisciplinar; a *Revista de Medicina* é B5 na área de medicina; o periódico *Vínculo* é B1 em psicologia; e a *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* é avaliada como A2 em psicologia.

Os quatro artigos selecionados foram produzidos por nove pesquisadores/as, todos em coautoria. A prevalência do feminino nas autorias dos

artigos é expressiva⁸, sete mulheres para dois homens. As mulheres discutem a temática, o que indica a (re)produção das relações de gênero no meio acadêmico/científico. Essas relações atribuem características e aptidões e informam discursos e práticas sociais femininas e masculinas singulares. Como características masculinas são projetados o raciocínio matemático, a razão e a objetividade, enquanto as femininas estão relacionadas aos sentimentos, às emoções e ao cuidado (SILVA; RIBEIRO, 2011). As distinções historicamente construídas influenciam as escolhas profissionais, a formação acadêmica e a inclinação por determinadas áreas do conhecimento e temáticas, em detrimento de outras.

Longe de cair em essencialismos, a obesidade pode ser um desses temas afeitos aos “interesses do feminino”, talvez por conta das questões sociais que mobilizam corpo, estética, lugar de produção na divisão social e técnica do trabalho, entre outros, retratando aspectos da construção das identidades femininas e masculinas. Nesse sentido, a discussão proposta recai sobre conteúdos que transcendem o campo da lógica, deslocando o masculino da temática, ademais, discorrendo sobre uma corporalidade que repercute em uma estética (HEILBORN, 1999; LOYOLA, 1998).

No conjunto da formação acadêmica das autoras⁹, quatro são profissionais da psicologia, duas são da medicina e duas, da educação física. A discussão está ancorada na área da saúde, com destaque à psicologia, apontando para a compreensão da obesidade como doença. De acordo com Poulain (2013), a partir do século XX, estudos passam a determinar a obesidade como oposto à saúde, operando em mudanças nas relações dos sujeitos com os alimentos e resultando na classificação da obesidade como doença pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Dos quatro textos, três são de autoria e/ou coautoria de profissionais da psicologia, havendo uma concentração dessa área de conhecimento na leitura e abordagem da temática. A ausência de assistentes sociais na elaboração dos artigos também chama atenção, tendo em vista que a obesidade, segundo Felipe (2003), é reconhecida como uma demanda ao Serviço Social. Segundo a autora, as contribuições da atuação de assistentes sociais

8 Para este trabalho, será utilizada a flexão de gênero no feminino para denominar aos/as autores/autoras, uma vez que nos artigos está situado e se projeta esse lugar de fala.

9 Para compilar os dados referentes às autoras, recorreu-se à consulta dos currículos na Plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e foram utilizadas as informações do momento da publicação do texto. Com exceção do Texto 03 – “Indicação de terapia familiar psicanalítica para uma família com uma criança obesa”, – as informações referentes às autoras foram retiradas da nota de rodapé do próprio artigo.

configuram componente essencial para o controle do fenômeno, principalmente por meio de políticas sociais voltadas para sua prevenção.

Destaca-se que sete autoras eram pós-graduadas no período da publicação, das quais, quatro com o título de doutora e uma de mestre, duas eram doutorandas e duas acadêmicas de medicina. Salienta-se que a formação acadêmica das autoras retrata uma trajetória de estudos e atuação nas instituições de ensino superior. Boa parte tem alguma vinculação acadêmica, cinco são docentes, e em todos os textos há ao menos uma autora que atua como docente em instituições de ensino superior, sendo as produções resultados de pesquisas e orientações de trabalho de pós-graduação *stricto sensu*, o que reafirma a permanência da academia como espaço privilegiado para a promoção da produção do conhecimento.

Todos os artigos selecionados datam dos anos 2000, o que sinaliza para uma discussão recente da temática e para a contemporaneidade do seu reconhecimento como uma situação de doença. Tal fato tem implicações tanto para a formação profissional quanto para o desenvolvimento de serviços à população na condição de políticas sociais, repercutindo no acesso à assistência à saúde. Os quatro estudos retratam trajetórias de vida de mulheres e utilizam a abordagem qualitativa para o desenvolvimento da pesquisa.

O Texto 01 é elaborado a partir do filme *Preciosa: uma história de esperança*. As autoras (GODOI; NEVES, 2012) utilizam trechos e falas do filme para analisar representações do corpo, violência sexual, aspectos de vulnerabilidade, educação e emancipação experienciados pela protagonista da história. No Texto 02, Teodoro, Koga e Nakasu (2017) realizam um estudo com pacientes obesas de um programa de cirurgia bariátrica e procuram desvendar os padrões relacionais do vínculo mãe-filha projetados na obesidade. O Texto 03 (BERQUE; ROBERT, 2016), através de um estudo de caso, expõe aspectos da dinâmica familiar de uma criança obesa e de como as relações familiares e trajetórias marcadas pela violência influem nos corpos. O quarto e último artigo realiza a análise de registros de atendimentos realizados pelo setor de psicodiagnóstico de um hospital universitário e explora elementos psicológicos na trajetória de “obesos mórbidos”.

Com o processo de codificação e categorização do *corpus* construiu-se categorias – compreensões da obesidade; reconhecimento da multifatorialidade da obesidade; violências presentes na vida de sujeitos obesos; violências e relações familiares, especialmente à díade mães-filhas –, posteriormente, organizadas em temas para trabalhar seus sentidos.

Entre os temas recorrentes, explícita ou implicitamente, destacaram-se, inclusive pelo recorte do objeto de estudo, os temas obesidade e violências. Nota-se que a abordagem psicanalítica figurou em três dos quatro artigos, e apenas o Texto 01 utilizou como referência os estudos culturais. Por sua vez, as categorias menos exploradas foram: compreensões da violência sexual; estratégias de enfrentamento à obesidade e à violência sexual; obesidade e violência sexual como objetos de políticas públicas. Ademais, chama a atenção que nenhum dos artigos que compuseram o *corpus* tem como foco principal a análise da relação entre obesidade e violência sexual.

Integram-se à caracterização dos periódicos os Núcleos Temáticos e seus sentidos, analisados a seguir.

4 Conceituando a obesidade

Em relação ao tema obesidade, foram identificados três núcleos de sentido: o primeiro apresenta a discussão sobre a obesidade como *doença*; o segundo versa sobre a *multifatorialidade do seu desencadeamento*; o terceiro apresenta uma *aproximação crítica* das obras que projetam um “embate” com o senso comum.

De modo geral, os artigos apresentam a obesidade como *doença* (Quadro 1), com destaque aos Textos 01 e 02, ao projetá-la como *doença crônica e limitante* ao organismo, além de discorrerem sobre seus riscos físicos, bem como os critérios para uma pessoa ser considerada obesa.

Quadro 1: Unidades de contexto sobre obesidade como doença

Teodoro; Koga; Nakasu Texto 02	“Obesidade é conceituada como uma doença crônica que gera um acúmulo excessivo de gordura corporal em um indivíduo, podendo representar riscos à saúde”. (p. 64)
Godoi; Neves Texto 01	“A obesidade pode ser compreendida como uma doença, se ela representa um fator gerador de impotência do corpo e reduz as possibilidades de vida de um indivíduo no ambiente que lhe é próprio”. (p. 412)

Fonte: Elaboração própria (2018).

Através dessa compreensão, os textos explicitam um paradigma dominante sobre a problemática da obesidade: o paradigma biomédico. De acordo com Pinheiro, Freitas e Corso (2004), os prejuízos à saúde em decorrência da obesidade se expressam via sintomas – dificuldades

respiratórias, problemas dermatológicos e distúrbios do aparelho locomotor – e patologias que podem causar a morte, como dislipidemias, doenças cardiovasculares, diabetes e certos tipos de câncer. Na realidade brasileira atual, 74% dos óbitos decorrem de doenças crônicas, representando a primeira causa de mortes no Brasil (BRASIL, 2017). Poulain (2013) amplia a discussão ao sinalizar a medicalização da obesidade como um fenômeno recente, demarcando o corpo obeso como adoecido e objeto de intervenções técnicas. O autor destaca, ainda, o êxito residual de investimentos da medicina, indicando, desse modo, a obesidade como uma questão mediada por elementos outros que não as alterações de cunho fisiológico.

Em pesquisa realizada pela Vigitel (BRASIL, 2017), constatou-se que em um período de dez anos houve um aumento de indivíduos obesos no Brasil, de 11,8%, em 2006, para 18,9%, em 2016, atingindo quase um em cada cinco brasileiros.

O Texto 03 (BERQUE; ROBERT, 2016) avança na concepção da obesidade como doença ao abordá-la como um problema de saúde pública (Quadro 2), deslocando a discussão da dimensão individual para a coletiva. Chama a atenção que os Textos 01 e 02, embora sugeriram uma compreensão restrita de doença, trazem igualmente a discussão de saúde pública.

Quadro 2: Unidades de contexto sobre obesidade como problema de saúde pública

Teodoro; Koga; Nakasu Texto 02	“A obesidade já adquiriu caráter epidêmico devido ao crescimento de sua incidência no mundo nos últimos anos, por essa razão, a Organização Mundial de Saúde (OMS) considera essa patologia uma questão de Saúde Pública”. (p. 64)
Berque; Robert Texto 03	“A problemática da obesidade, que se estende do excesso de peso à obesidade dita mórbida, compreende um desafio crescente para a saúde pública”. (p. 38)

Fonte: Elaboração própria (2018).

Logo, o processo de adoecimento não estaria restrito a um corpo, mas partilhado por um conjunto de pessoas, uma vez que a obesidade atingiu o status de epidemia mundial, de acordo com a OMS. Ferreira e Magalhães (2005) consideram a obesidade um dos maiores desafios da saúde pública, em decorrência de seu caráter profundamente complexo. De acordo com a Portaria nº 424 (BRASIL, 2013a), a obesidade é linha de cuidado prioritária

da Rede de Atenção à Saúde das Pessoas com Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT), no SUS.

Nessa chave de compreensão, a assistência à saúde voltada à prevenção e à superação da obesidade mobilizaria diferentes agentes políticos e sociais, em todas as esferas de atenção, como ações de políticas sociais públicas. Entretanto, os estudos se limitam a reconhecer a condição de saúde pública, sem, contudo, aprofundar o debate.

Ainda no que se refere à compreensão da obesidade, é possível identificar nos textos uma consonância com sua etiologia, ou seja, com sua *multifatorialidade*. Todos os textos, ao conceituarem o tema, mesmo que de forma subliminar, discorrem sobre a *multifatorialidade do seu desencadeamento* (Quadro 3).

Quadro 3: Unidades de contexto sobre multifatorialidade do desencadeamento da obesidade

Teodoro; Koga; Nakasu Texto 02	“O estudo da obesidade é complexo devido a sua gênese <i>multifatorial</i> , como fatores biológicos, ambientais e psicológicos, que podem estar associados ou agir independentemente. [...] A partir do final do século XX, baseando-se na ideia de que o corpo e a mente se correlacionam, a obesidade tem sido considerada uma doença psicossomática, que envolve um desajustamento emocional”. (p. 64)
Godoi; Neves Texto 01	“Uma classificação antropométrica não avalia a saúde dos corpos, seja por seu caráter estático, que perde a percepção do movimento, seja porque reduz o corpo ao visível e mensurável, ignorando o psíquico, o dinâmico, o vivencial, ou seja, a condição efetiva daquele corpo junto à vida e às suas atividades e projetos”. (p. 412)

Fonte: Elaboração própria (2018).

Os textos consideram a obesidade produto de uma gama de determinantes que extrapolam aqueles comumente associados ao ganho excessivo de peso, à ingestão demasiada de alimentos e à falta de atividades físicas, muito presentes em uma abordagem da obesidade como doença crônica. Para matizar a discussão, recorreu-se a Ferreira e Magalhães (2005) e Wanderley e Ferreira (2010), que ampliam o olhar sobre a obesidade, conceituando-a como complexa e multifatorial, considerando fatores genéticos, históricos, políticos, socioeconômicos, psicossociais, biológicos e culturais.

Nota-se, pelos estudos analisados, que a dimensão psicológica ganha destaque na compreensão da obesidade entre as causas multifatoriais, particularmente nos Textos 02, 03 e 04. Estes refletem a corrente teórica que orienta as pesquisadoras majoritariamente da psicologia. O contexto

social, cultural e econômico, portanto, parece ter sido negligenciado das reflexões e explicações sobre a obesidade presentes nos artigos. Para Poulain (2013), os fatores sociais influenciam o desenvolvimento da obesidade. O impacto das posições sociais sobre as doenças ocorre, principalmente, em razão do modo de vida, do estilo de alimentação e do nível de atividade física. O autor aponta, ainda, a influência de fatores sociais como o estresse, a exclusão social, o desemprego, a ausência de assistência social, entre outros. Nesse sentido, o autor pontua que a perspectiva multifatorial considera o status socioeconômico como determinante da obesidade.

Todas essas discussões discorrem sobre as múltiplas e complementares formas de compreender o fenômeno da obesidade. Paralelamente, os Textos 01 e 04 apresentam *uma aproximação crítica* (Quadro 4) às explicações, projetando um “embate” com o senso comum. Este se materializa em movimentos de reprodução preconceituais sobre o fenômeno, manifestados em forma de intolerância e discriminação dirigidas àqueles que não seguem o ideal estético corporal, baseando-se em supostas hierarquias e em padrões de autocuidado construídos socialmente.

Quadro 4: Unidades de contexto sobre aproximação crítica

Almeida-Prado; Féres-Carneiro Texto 04	“Referido [o obeso mórbido] como uma pessoa sem controle, estigmatizada ou vítima de preconceito, assim sendo, desfavorecida quanto à aceitação social”. (p. 191)
Godoi; Neves Texto 01	“A gordura e a flacidez ou a moleza são tomadas como símbolos da indisciplina, do desleixo, da preguiça, da falta de virtude, ou seja, da falta de investimento do indivíduo em si”. (p. 412) “A gordura, frequentemente associada com a feiura, sofre uma das maiores formas de discriminação nas sociedades que cultuam o corpo”. (p. 412)

Fonte: Elaboração própria (2018).

Reafirmando as ideias apresentadas pelas autoras dos Textos 01 e 04, Campos et. al. (2016) e Poulain (2013) destacam que as pessoas obesas são condenadas socialmente, discriminadas e estigmatizadas nas sociedades modernas. Outrossim, trata-se do efeito da valorização cultural e social de determinadas formas de corpos, o qual estabelece como desviantes aquelas pessoas que se afastam do padrão. A estigmatização do corpo obeso está alicerçada em um sistema de representações e interações que fazem da obesidade a imagem de qualidades morais que desmerecem os indivíduos obesos e os classificam como únicos responsáveis por sua condição. São compreendidos no senso comum como atributos individuais e

produzidos pelos sujeitos, ainda que a obesidade seja um fenômeno construído no meio social (CAMPOS et. al., 2016; POULAIN, 2013).

Nessa chave de interpretação, os Textos 01 e 02 sinalizam para o padrão estético (Quadro 5) vigente na sociedade ocidental atual, que cultua corpos magros e atléticos. A ideia de um corpo adequado ao padrão de beleza é inversamente correspondente ao corpo obeso.

Quadro 5: Unidades de contexto sobre padrão estético

Godói; Neves Texto 01	“A mídia exerce uma importante influência na construção do padrão estético corporal [...] Dizem também de nossos corpos e, por vezes, de forma tão sutil que nem mesmo percebemos quanto somos capturadas/os e produzidas/os pelo que lá se diz”. (p. 411)
Teodoro; Koga; Nakasu Texto 02	“O corpo tem sido objeto privilegiado de investimento libidinal na contemporaneidade: sua exposição estética, a rigidez do padrão de beleza vigente, ideais de perfeição e do culto a magreza tornam a questão do corpo extremamente atual”. (p. 66)

Fonte: Elaboração própria (2018).

A discussão sobre o padrão de beleza aparece com maior prevalência no Texto 01, o qual relata a história vivida por uma jovem negra e obesa. Seu corpo, como afirmam as autoras, é “a antítese do corpo apreciado nas sociedades ocidentais industrializadas” (GODOI; NEVES, 2012, p. 411). As pessoas obesas, principalmente do sexo feminino, são consideradas como principais indivíduos de interesse da padronização dos corpos. Comumente, através do argumento da estetização da saúde, o corpo gordo é identificado como anormal ou, ainda, imoral (CAMPOS et. al., 2016). A mídia, como agente formador de opinião, tem um papel crucial na disseminação desse discurso (VENDRUSCOLO; MALINA; AZEVEDO, 2014).

5 Discutindo as violências

Em relação ao tema intitulado discutindo as violências, foram encontrados dois núcleos de sentido: o primeiro denominado *violência sexual* e o segundo *violência e avanços a partir da psicanálise*.

A *violência sexual* (Quadro 6) é retratada nos textos como um dos fatores motivadores no processo de desenvolvimento da obesidade. A problemática se apresenta em todos os textos, mas não há um empenho das referências quanto a uma análise aprofundada da relação entre os fenômenos. Nesse sentido, a violência sexual está presente no quadro de discussão da obesidade de forma descritiva e não exploratória.

No Texto 01, notadamente a autora não sinaliza a relação direta entre os fenômenos, apesar de desenvolver a discussão da violência sexual. Enfatiza que “o abuso sexual é considerado um grave problema de saúde pública” (GODOI; NEVES, 2012, p. 410), trazendo referências e indicando a importância de políticas públicas de enfrentamento e atenção às situações de violência sexual.

Quadro 6: Unidades de contexto sobre obesidade e violência sexual

<p>Berque; Robert Texto 03</p>	<p>“Isso nos faz pensar na revelação feita por Liliane durante entrevista individual sobre o abuso sexual incestuoso que ela havia sofrido”. (p. 42)</p>
<p>Godoi; Neves Texto 01</p>	<p>“A violência sexual pode apresentar-se sob várias formas e níveis de gravidade, nem sempre acompanhada de violência física aparente. Isto dificulta muito a possibilidade de denúncia pela vítima e a confirmação diagnóstica pelos meios hoje oferecidos pelas medidas legais de averiguação do crime”. (p. 414)</p>
<p>Teodoro; Koga; Nakasu Texto 02</p>	<p>“O abuso sexual pode ser um fator que predispõe a emergência de distúrbios de compulsão alimentar”. (p. 69)</p>
<p>Almeida-Prado; Féres-Carneiro Texto 04</p>	<p>“As causas da obesidade são referidas como multideterminadas. De acordo com Loli (2000), elas são classificadas em sete tipos: neurológica, endócrina, genética, de inatividade física, farmacológica, ambiental e psicológica ou emocional. A estas, podemos acrescentar o abuso sexual na infância, em se tratando de meninas”. (p. 191)</p>

Fonte: Elaboração própria (2018).

De acordo com a Lei nº 12.845 (BRASIL, 2013b), em seu artigo 2º, a violência sexual é definida como qualquer forma de atividade sexual não consentida. Para a OMS (KRUG et. al., 2002), o estupro é compreendido como sendo todo ato com finalidade sexual, assim como investidas e/ou comentários indesejáveis, praticados contra a sexualidade de outro indivíduo por meio de atitudes coercitivas (KRUG et. al., 2002). Embora a legislação acerca da violência sexual abarque homens e mulheres, as mulheres representam as principais vítimas, tendo um risco mais elevado de vivenciar esse tipo de violência se comparadas aos homens (NUNES; MORAIS, 2017). A violência sexual é considerada a de maior gravidade entre as manifestações da violência de gênero, representando uma gama de desafios às ações públicas (SQUINCA; DINIZ; BRAGA, 2006).

Segundo Cerqueira e Coelho (2014), a violência sexual pode ser fator gerador de graves consequências em curto ou longo prazo, além de envolver

aspectos físicos, psicológicos e econômicos. Para Narvaz e Oliveira (2009), eventos traumáticos ocorridos durante o ciclo vital, principalmente relacionados à questão sexual e à formação da identidade, são considerados como fatores desencadeadores de diversas patologias e tais experiências podem representar fatores etiológicos para o desenvolvimento de transtornos alimentares.

Ilustrando em números, o Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020 (FBSP, 2020) informa que em 2019 foram registrados 68.348 casos de estupro no Brasil, quando 58,8% atingiram pessoas que tinham no máximo 13 anos e 85,7% dos casos foram contra mulheres. O Mapa da Violência no Brasil (WASELFSZ, 2015) apontou que do total de casos de violências atendidos pelo SUS, 11,9% eram de cunho sexual. Em 2018, o Instituto Datafolha demonstrou que 42% das brasileiras com 16 anos ou mais já sofreram assédio sexual no decorrer de suas vidas (DATAFOLHA, 2018).

No geral, nota-se que a temática parece ser suscitada nos processos de pesquisa das referências analisadas, mesmo não figurando como tema central de nenhum dos textos. Desta forma, as autoras do Texto 02 afirmam que a violência sexual chamou a atenção, considerando que a temática surgiu a partir da fala das mulheres entrevistadas. As autoras sinalizam, ainda, a negligência da temática na literatura.

Outras expressões de violência (Quadro 7) também estão presentes na literatura estudada e vão além do preconceito dirigido a indivíduos obesos e da relação entre a violência sexual e o ganho excessivo de peso. Os Textos 01, 03 e 04 sinalizam a violência física e psicológica presente na trajetória de vida de pessoas com obesidade. Ademais, é possível observar que tais expressões da violência são retratadas no contexto intrafamiliar, em especial na infância.

Quadro 7: Unidades de contexto sobre outras expressões de violência

Almeida-Prado; Féres-Carneiro Texto 04	“Assim sendo, sofrer ou presenciar agressões físicas e psíquicas, particularmente na infância e, sobretudo, em família, bem como ser tratado com negligência, corresponde a fatos reais violentos cujas consequências são patogênicas”. (p. 192) “Violência psicológica disfarçada como ‘proteção’”. (p. 199)
Berque; Robert Texto 03	“Em um momento de grande tensão, a mãe evoca os efeitos da violência conjugal, como a prematuridade do filho mais velho, Paul, e o atraso de linguagem de Isabelle”. (p. 41)
Godoi; Neves Texto 01	“Depois da discussão, a mãe atira objetos e corre atrás da filha para surrá-la. Nesta situação, há uma demonstração da violência psicológica que a mãe exercia sobre ela”. (p. 414)

Fonte: Elaboração própria (2018).

Tavares, Nunes e Santos (2010) indicam que o ganho excessivo de peso está associado a determinadas situações de violência. Assim, o alimento torna-se um elemento de conforto e satisfação para apaziguar os dilemas diários.

6 Violências e avanços a partir da psicanálise: a relação com o comer

A maioria dos textos analisados (02, 03 e 04) partem de uma vertente psicanalítica. Sklar (2014, p. 9) considera que, aos olhos de Freud, a obesidade “faz o mental direcionar-se para o biológico coexistindo com as funções vitais do organismo”. Através de um olhar psicanalítico, o que o corpo mostra externamente fica em segundo plano, sendo considerado, primeiramente, a manifestação da relação entre o “somático e a mente” (SKLAR, 2014, p. 9). Os indivíduos obesos expressam, através do corpo, questões que não podem ser representadas por meio de fantasias, do pensamento ou da linguagem, sendo a alimentação uma proteção para lidar com sentimento de angústias e frustrações (RIBEIRO, 2016).

Conforme sinalizam os Textos 02, 03 e 04, o ato de comer tem um significado complexo para os indivíduos obesos, podendo estar associado a uma forma de compensação das frustrações ou dos sentimentos que o indivíduo não consegue identificar ou com os quais não consegue lidar. O alimento seria um recurso inconsciente dos sujeitos para ocultar experiências, conflitos e angústias, representando um refúgio para os problemas e, por vezes, correspondendo ao ato concreto de preencher os vazios.

Para o Texto 02, comer excessivamente é um ato aditivo, que pode conferir aos sujeitos significação às suas vidas. Nessa chave de interpretação, alimentar-se torna-se um ato desprovido de reflexão. “A gordura representaria, portanto, uma barreira de proteção contra os perigos que o corpo, como objeto sexual, poderia proporcionar” (TEODORO; KOGA; NAKASU, 2017, p. 69). Implicitamente, a obesidade é interpretada como um recurso de proteção e prevenção de uma possível violação, em função dos valores agregados ao corpo, como se a gordura destituisse a possibilidade de ser olhado e desejado.

O Texto 04 (ALMEIDA-PRADO; FÉRES-CARNEIRO, 2010) indica que, em casos de abuso sexual, a psicanálise compreende que “vítimas de abuso sexual regridem à fase oral devido aos conflitos com a genitalidade, e o prazer passa a ser obtido por meio da ingestão de alimentos” (ALMEIDA-PRADO; FÉRES-CARNEIRO, 2010, p. 191). Nesses termos, o alimento é o elemento de conforto (Quadro 8) que ameniza um contexto de adversidades.

Comer, além de representar uma necessidade orgânica, estaria relacionado a uma estratégia de compensação simbólica, presente para saciar uma fome de ordem emocional (FERREIRA; MAGALHÃES, 2005).

Quadro 8: Unidades de contexto sobre obesidade como elemento de conforto, fuga

Almeida-Prado; Féres-Carneiro Texto 04	“Sempre engordando em situações de conflito, vê-se às voltas com vivências depressivas e ideias recorrentes de suicídio. Quando em crise, ‘refugia-se’ nos doces para se acalmar, principalmente leite condensado”. (p. 199)
Berque; Robert Texto 03	“Associando o espessamento da pele do paciente obeso a um movimento de sufocamento das possibilidades de florescimento da personalidade”. (p. 43)
Teodoro; Koga; Nakasu Texto 02	“Trata-se de comer para obter prazer oral e igualmente suprir ou compensar um sentimento de vazio”. (p. 66) “A compulsão pela comida atuaria como refúgio aos problemas internos; a obesidade surgiria como uma somatização do sofrimento psíquico”. (p. 70)

Fonte: Elaboração própria (2018).

Os Textos 02 e 03 discutem, ainda, que para as vítimas de violência sexual, a ingestão excessiva de alimentos pode estar associada a uma estratégia de transformação do corpo (Quadro 9), na intenção de afastar de si os sinais do que seria um corpo com apelo sexual e capaz de gerar cobiça.

Quadro 9: Unidades de contexto sobre obesidade como estratégia de transformação do corpo

Berque; Robert Texto 03	“O desafio do sintoma da obesidade é estar a serviço da ‘subjetivação’, pois o comportamento alimentar torna-se expressão de uma tentativa de revitalização da vida psíquica, em conexão com uma experiência de ‘desaparecimento’”. (p. 38-39)
Teodoro; Koga; Nakasu Texto 02	“A compulsão alimentar adquiriu, nesses casos, o significado de uma barreira de proteção, já que, como estariam na condição de gordas, as mulheres deixariam de representar um objeto atrativo sexual”. (p. 70)

Fonte: Elaboração própria (2018).

Destaca-se no Texto 02 a narrativa de mulheres acerca do processo de transformação corporal motivada por um movimento que as autoras compreendem como de proteção: “esteticamente falando, eu acho que isso foi até um refúgio para mim. Porque assim, ninguém olha, ninguém quer” (TEODORO; KOGA; NAKASU, 2017, p. 66).

A fim de nos aproximarmos da discussão, recorreremos à Godoy (2008), a qual afirma que vivenciar um abuso sexual pode contribuir para o desenvolvimento de psicopatologias, inclusive alimentares, podendo afetar a percepção da imagem corporal, ocasionando um desgosto pela feminilidade e sexualidade. As características sexuais femininas passam a ser encaradas pela vítima como provocadoras da violência sexual, gerando sentimentos de vergonha e culpa. Desse modo, a gordura seria um mecanismo utilizado pelas mulheres obesas para evitar possíveis perigos, uma vez que o ganho de peso materializaria uma estratégia inconsciente para inibir abusos sexuais.

Uma das maiores expressões da vertente psicanalítica, apresentada nos textos analisados, refere-se ao vínculo mãe-filha (Quadro 10) e sua relação com a obesidade.

Quadro 10: Unidades de contexto sobre vínculo mãe-filha

Almeida-Prado; Féres-Carneiro Texto 04	“O bebê é um ser que sonha com o objeto que o satisfaz, sua mãe, ela própria sonhando com a satisfação dele [...]. Desta forma se promove a vida. Por outro lado, ter necessidades e reconhecer que depende de alguém para satisfazê-las pode dar origem a intensos conflitos, que levam a tentativas mais ou menos bem-sucedidas de ataques a si mesmo e a qualquer objeto capaz de oferecer satisfação”. (p. 192)
Berque; Robert Texto 03	“Assim, no caso dessa família, a obesidade de Isabelle inscreve-se na problemática familiar transgressiva, em que ela ocupa o lugar de porta-voz da violência da história familiar [...] Face à angústia que a mãe projeta sobre ela, com a ideia de que ser menina pode ser perigoso, e diante do lugar que lhe é designado, Isabelle parece ter erigido seu sistema defensivo contra sua vida pulsional”. (p. 43)
Godoi; Neves Texto 01	“Nesta passagem, percebemos a influência da sua mãe em relação ao seu comportamento alimentar e sedentário”. (p. 412)
Teodoro; Koga; Nakasu Texto 02	“O vínculo mãe-filha, definido como relação de afeto, pode interferir positiva ou negativamente no estado nutricional da filha. O excesso de proteção nesta relação pode acarretar consequências negativas aos hábitos alimentares [...] O ato compulsivo de comer encobriria, portanto, o fracasso na relação com a mãe”. (p. 64) “A fragilidade no vínculo mãe/filha pode atuar como importante fator predisponente ao surgimento do transtorno alimentar”. (p. 68)

Fonte: Elaboração própria (2018).

Todos os artigos evidenciam a temática, apesar de os Textos 02 e 04 apresentarem ambivalência ao citarem esse vínculo. Apontam que tanto o

movimento de superproteção da mãe quanto o abandono são fatores geradores de obesidade, considerando o ato de comer em excesso, respectivamente, uma estratégia de defesa e negação. Outro elemento identificado nos Textos 02 e 03, também considerado como desencadeador da obesidade, refere-se à projeção, mesmo que de forma inconsciente, das histórias de vida e vivências de violências das mulheres sobre suas filhas. Contudo, cabe ressaltar que o Texto 01 apresenta o vínculo mãe-filha de maneira descritiva, enquanto os Textos 02, 03 e 04 realizam a análise a partir de uma vertente psicanalítica.

Silveira, Ramos e Azevedo (2016) consideram que a alimentação possui grande representatividade na relação mãe-filho, visto que, além de servir como um mantimento de sobrevivência do indivíduo, igualmente simboliza troca de afeto e interação, sendo por vezes elemento de oposição.

7 Considerações finais

Os resultados demonstram uma escassa produção científica acerca da relação entre obesidade e violência sexual na literatura brasileira, uma vez que do total de artigos localizados, apenas quatro abordaram especificamente o objeto da pesquisa. O pequeno quantitativo de publicações chama a atenção e passa a ganhar relevância acadêmica. Todos os artigos foram publicados entre os anos 2010 e 2017, assinalando um processo recente de discussão do tema e do expressivo número de artigos localizados que não versam sobre a realidade brasileira, reafirmando o caráter secundário do recorte temático e a importância de se ampliar a produção científica para diferentes realidades demográficas.

De modo geral, a violência sexual retratada nos textos que tinham como objeto a obesidade, projetou-se, de forma empírica, quase sempre nas narrativas das mulheres, embora tal relação (obesidade e violência sexual) tenha permanecido secundária em termos de produção e de aprofundamento no momento da explicitação da questão. Do mesmo modo, todos os textos discorrem sobre questões referentes às mulheres obesas e seus processos de violências, mas nenhum provém de uma leitura dos estudos feministas e de gênero. Soma-se a isso, o fato de a problemática da violência sexual envolver muitos tabus (NEVES et. al., 2010), formando um mosaico que leva à afirmação, ainda que provisória, de que esse conjunto poderia explicar a pouca produção científica acerca do recorte temático.

Os artigos analisados têm a marca da psicologia, principalmente de uma vertente psicanalítica, uma vez que as autoras são, eminentemente, psicólogas. Projetam um olhar para a obesidade que transcende o caráter hegemonicamente biomédico, introduzindo discussões do campo da subjetividade e das relações sociais estabelecidas em contextos situados. Dessa forma, mesmo que haja resquícios de tal paradigma, ao conceituar, por exemplo, a obesidade como uma doença crônica, os textos analisados consideram diferentes determinantes, além da própria violência sexual como uma dimensão social da obesidade.

Cabe enfatizar que não se trata de uma relação linear entre violência sexual e obesidade, mas de considerar a violação como uma das motivações sociais para o desencadeamento da obesidade. Esse reconhecimento pode possibilitar a ampliação da produção de conhecimento e, sobretudo, projetar a violência sexual para além do serviço de interrupção legal da gestação, incluindo sua discussão nos protocolos dos serviços de cirurgia bariátrica.

É possível identificar, de maneira abrangente, nas abordagens dos textos, a forma crítica com a qual se apresenta as posições de senso comum sobre a obesidade, destacando a discriminação e a culpabilização enfrentadas por pessoas obesas. Tornam-se fundamentais tais análises por sensibilizarem os/as profissionais sobre o fenômeno, provocando reflexões e “novos olhares” acerca das situações de preconceito e discriminação vivenciados pelos indivíduos obesos.

Outro ponto de destaque é referente à ausência de assistentes sociais na autoria dos artigos. Cabe lembrar que os/as profissionais de Serviço Social compõem as equipes complementares na prestação da assistência de alta complexidade aos indivíduos com obesidade grave, conforme preconizado pela Portaria nº 492 (BRASIL, 2007). Ao considerar a obesidade também como um fenômeno social, Felipe (2004) afirma que as contribuições do Serviço Social são essenciais para o controle da obesidade, principalmente para o acesso a políticas sociais voltadas ao fenômeno, visto que a obesidade se apresenta como demanda social própria da sociedade contemporânea.

Em suma, o debate sobre o tema é transversal à prática profissional e às instituições de saúde pública e deve envolver formação profissional, organização dos serviços, produção de conhecimento e, acima de tudo, assistência à saúde dos/das usuários/as em situação de obesidade. Logo, este artigo não se propõe a esgotar a temática, uma vez que a pesquisa representa um ciclo permanente que, ao passo que produz conhecimento, também gera novas indagações (MINAYO, 2012).

Referências

ALMEIDA-PRADO, M. do C. C. de; FÉRES-CARNEIRO, T. Violência familiar: obesidade mórbida e função ômega. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 190-206, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3FDKdzn>. Acesso em: 06 jun. 2018

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BERQUE, C.; ROBERT, P. Indicação de terapia familiar psicanalítica para uma família com uma criança obesa. **Vínculo**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 37-44, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3mHTLSx>. Acesso em: 10 jun. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Pesquisa Nacional sobre Saúde e Nutrição**. Brasília, DF: Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição, 1989.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 492, de 31 de agosto de 2007. Institui diretrizes para a atenção à saúde, com vistas à prevenção da obesidade e assistência ao portador de obesidade. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 31 ago. 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3mGCauv>. Acesso em: 19 jul. 2018

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes**: norma técnica. 3. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3eC53mW>. Acesso em: 29 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 424, de 19 de março de 2013. Redefine as diretrizes para organização da prevenção e do tratamento do sobrepeso e obesidade como linha de cuidado prioritária na Rede de Atenção à Saúde das Pessoas com Doenças Crônicas. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 19 mar. 2013a. Disponível em: <https://bit.ly/3FGoC9x>. Acesso em: 30 set. 2018.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 12.845, de 01 de agosto de 2013. Dispõe sobre o atendimento obrigatório e integral de pessoas em situação de violência sexual. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 1 ago. 2013b. Disponível em: <https://bit.ly/3z96Lpj>. Acesso em: 29 dez. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos não Transmissíveis e Promoção da Saúde.

Vigitel Brasil 2016: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3FG8xkr>. Acesso em: 21 jun. 2018.

CAMPOS, S. S. *et al.* O estigma da gordura entre mulheres na sociedade contemporânea. In: PRADO, S. D. *et al.* (org.). **Estudos socioculturais em alimentação e saúde:** saberes em rede. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2016. p. 231-249.

CERQUEIRA, D. R. C.; COELHO, D. S. C. **Estupro no Brasil:** uma radiografia segundo os dados da Saúde (versão preliminar). Brasília, DF: IPEA, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3JIQpP3>. Acesso em: 5 set. 2018.

DATAFOLHA. **Assédio sexual entre as mulheres.** São Paulo: Instituto Datafolha, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3sN0oH9>. Acesso em: 13 ago. 2018.

DINIZ, D. Fórum: violência sexual e saúde. Posfácio. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 477-478, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3EFQkSF>. Acesso em: 16 jul. 2018.

FAO; OPS. **Panorama da Segurança Alimentar e Nutricional na América Latina e Caribe.** Santiago: FAO, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/319pWD3>. Acesso em: 16 ago. 2018.

FBSP. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020.** São Paulo: FBSP, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3mGluSN>. Acesso em: 23 mar. 2021.

FELIPPE, F. M. O peso social da obesidade. **Textos e Contextos**, Porto Alegre, n. 2, 2003. Disponível em: <https://bit.ly/3qCbLio>. Acesso em: 29 dez. 2021.

FELIPPE, F. M. Obesidade como um problema social: novas demandas profissionais ao Serviço Social. **Katálysis**, Florianópolis, v. 7 n. 2, 2004. Disponível em: <https://bit.ly/3pAX2oz>. Acesso em: 23 out. 2018.

FELIPPE, F. M.; SANTOS, A. M. dos. Novas demandas profissionais: obesidade em foco. **Revista da ADPPUCRS**. Porto Alegre, n. 5, p. 63-70, 2004. Disponível em: <https://bit.ly/3zaWjxu>. Acesso em: 12 out. 2018.

FERREIRA, V. A.; MAGALHÃES, R. Obesidade e pobreza: o aparente paradoxo. Um estudo com mulheres da Favela da Rocinha, Rio de Janeiro,

Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 6, p. 1792-1800, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3EQhSVH>. Acesso em: 18 nov. 2018.

FREIRE, D. de S.; ANDRADA, B. C. C. A violência do / no corpo excessivo dos transtornos alimentares. **Cadernos de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 26, p. 27-36, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3sJIGWi>. Acesso em: 29 ago. 2018.

GELSLEICHTER, M. Z.; ZUCCO, L. Quanto pesa a mulher com obesidade? **Textos e Contextos**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 100-114, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3eFJl1j>. Acesso em: 07 jun. 2018.

GODOI, M. R.; NEVES, L. Corpo, violência sexual, vulnerabilidade e educação libertadora no filme “Preciosa: uma história de esperança”. **Interface**, Botucatu, v. 16, n. 41, p. 409-421, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3eCfJSJ>. Acesso em: 14 jul. 2018.

GODOY, É. H. M. de. **Histórias da vivência sexual de mulheres submetidas à cirurgia da obesidade**. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3pAdqG4>. Acesso em: 10 ago. 2018.

HEILBORN, M. L. Construção de si, gênero e sexualidade. In: HEILBORN, M. L. (org.). **Sexualidade: o olhar das Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p. 40-58.

KRUG, E. G. *et al.* **World report on violence and health**. Geneva: WHO, 2002.

LOYOLA, M. A. Sexo e sexualidade na antropologia. In: LOYOLA, M. A. (org.). **A sexualidade nas ciências humanas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 17-47.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2012.

NASCIMENTO, A. de A. B. S. **Comida: prazeres, gozos e transgressões**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2007.

NARVAZ, M.; OLIVEIRA, L. L. A relação entre abuso sexual e transtornos alimentares: uma revisão. **Interamerican Journal of Psychology**, Porto

Alegre, v. 43, n. 1, p. 22-29, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3EH4K4S>. Acesso em: 10 ago. 2018.

NEVES, A. S. *et al.* Abuso sexual contra a criança e o adolescente: reflexões interdisciplinares. **Temas em psicologia**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 1, p. 99-111, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3Js2XEE>. Acesso em: 26 set. 2018.

NUNES, M. C. A.; MORAIS, N. A. de. A pesquisa com vítimas de violência sexual que engravidaram: considerações éticas a partir da resolução n. 510/2016. **Revista da SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 2, p. 129-142, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3sIHvVJ>. Acesso em: 02 set. 2018.

PINHEIRO, A. R. de O.; FREITAS, S. F. T. de; CORSO, A. C. T. Uma abordagem epidemiológica da obesidade. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 17, n. 4, p. 523-533, 2004. Disponível em: <https://bit.ly/3sNSy09>. Acesso em: 05 de ago. 2018.

POULAIN, J. P. **Sociologia da obesidade**. São Paulo: Senac, 2013.

RIBEIRO, C. C. **Comer para morrer**: a obesidade sob a ótica da psicanálise. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3FGg2Yq>. Acesso em: 30 ago. 2018.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995.

SILVA, F. F.; RIBEIRO, P. R. C. A participação das mulheres na ciência: problematizações sobre as diferenças de gênero. **Labrys Estudos Feministas**, [s./], n. 10, 2011.

SILVEIRA, T. B.; RAMOS, C. I.; AZEVEDO, P. W. Vínculo na balança: a relação mãe-filho influenciando o tratamento da obesidade infantil. **Ciência e Saúde**, Porto Alegre, v. 9, n. 3, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3sH1a8B>. Acesso em: 3 out. 2018.

SKLAR, S. **Freud e a obesidade**: a ação psicanalítica do comer. Rio de Janeiro: PoD, 2014.

SOUZA, A. P. L. de; PESSA, R. P. Tratamento dos transtornos alimentares: fatores associados ao abandono. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de

Janeiro, v. 65, n. 1, p. 60-67, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3FQoxA8>. Acesso em: 16 ago. 2018.

SQUINCA, F.; DINIZ, D.; BRAGA, K. Violência sexual contra a mulher: um desafio para o ensino e a pesquisa no Brasil. **Bioética**, Brasília, DF, v. 12, n. 2, p. 127-135, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3EH52J0>. Acesso em: 26 jul. 2018.

TAVARES, T. B.; NUNES, S. M.; SANTOS M. de O. Obesidade e qualidade de vida: revisão da literatura. **Revista Médica de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 20, n. 3, p. 359-366, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3Ex9aLK>. Acesso em: 7 set. 2018.

TEODORO, P. P.; KOGA, T. M.; NAKASU, M. V. P. Investigação dos padrões relacionais do vínculo mãe-filha envolvidos na obesidade feminina. **Revista de Medicina**, São Paulo, v. 96, n. 2, p. 63-72, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3FFMLgG>. Acesso em: 02 ago. 2018.

VENDRUSCOLO, M. F.; MALINA, A.; AZEVEDO, Â. C. B. de. A concepção de obesidade e padrão corporal por mediações ideológicas da mídia. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 503-516, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/32NICtm>. Acesso em: 22 jul. 2018.

VILLELA, W. V.; LAGO, T. Conquistas e desafios no atendimento das mulheres que sofreram violência sexual. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 471-475, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3mlbqtw>. Acesso em: 11 set. 2018.

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil**. Brasília, DF: FLACSO, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3JpgrAR>. Acesso em: 29 dez. 2021.

WANDERLEY, E. N.; FERREIRA, V. A. Obesidade: uma perspectiva plural. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 185-194, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3qrRMTC>. Acesso em: 19 out. 2018.

Recebido em dezembro de 2020.

Aprovado em abril de 2021.